

E AGORA, JOSÉ? VOGAIS NAsAIS FONOLÓGICAS EM YAATHE EXISTEM?

*Crislaini da Silva Dias¹
Januacele da Costa²*

1. INTRODUÇÃO

Nesses pouco mais de 500 anos de contato, ou melhor, de política de extermínio das populações indígenas e/ou dos seus modos de vida, mais de 1.000 línguas indígenas brasileiras foram extintas (RODRIGUES, 2003, p. 11). Atualmente, no Brasil, estima-se que são faladas aproximadamente 180 línguas indígenas, enquanto no nordeste brasileiro, entre a Bahia e o Piauí, apenas os Fulni-ô, cuja aldeia está situada no município de Águas Belas, Pernambuco, conseguiram preservar sua língua nativa, o Yaathe, classificada como pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê (RODRIGUES, 1986).

Os trabalhos já realizados sobre essa língua versam sobre diversos aspectos, a saber: Costa (1999), trata da descrição de aspectos morfofonológicos e morfosintáticos; Cabral (2009), faz uma descrição do acento lexical no Yaathe; Silva (2011), faz uma análise da estrutura silábica do Yaathe; Silva (2016), apresenta

¹ Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas.

² Professora de Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas.

aspectos da organização prosódica no Yaathe; Dias (2017), faz análise e descrição do comportamento do traço nasal no Yaathe; Sá (2017) faz um trabalho de documentação da língua Yaathe; e Sousa (2017), apresenta um estudo acústico-experimental da duração de vogais em Yaathe. Há também trabalhos com diversos enfoques na gramática da língua desenvolvidos por estudantes da graduação, como Cabral (2007); Silva (2008); Melo (2010); Dias (2014); Sousa (2014).

Através da revisão dos trabalhos anteriores, pode-se observar que a nasalização no Yaathe, em todos eles, era considerada apenas como sendo uma realização fonética, causada por regras fonológicas e morfofonológicas. Entretanto, nos dados que analisamos para este trabalho, encontramos ocorrências de nasalização da vogal sem que se possa atestar aplicação de regras do ponto de vista sincrônico. Isso nos permite levantar algumas hipóteses sobre a derivação de vogais nasais, baseadas em alternâncias, principalmente, e propor que algumas dessas vogais devem ser consideradas fonemas no estágio atual da língua. De modo geral, aqui³ buscamos descrever um aspecto fonológico do Yaathe, o traço nasal, que ainda precisa de melhor conhecimento. Assim, nos dedicamos a estudar o comportamento desse traço na língua, isto é, procuramos verificar qual a sua função, em termos de distintividade, bem como o seu comportamento em relação às regras de assimilação.

Subjacente à descrição dos dados e à interpretação dos resultados da análise, estão *insights* de diferentes abordagens da fonologia e da fonética. Da fonética, observamos as noções básicas, tanto do ponto de vista articulatório quanto acústico, ainda que análises acústicas não estejam visíveis no corpo deste trabalho. Do ponto de vista da Fonologia, tiramos proveito das abordagens clássicas estruturais para a descrição dos dados, mas também procuramos nos apoiar em teorias mais modernas, como a Teoria Autossegmental (GOLDSMITH, 1976) e a Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986), para uma melhor compreensão e explicação dos fenômenos descritos. Os modelos fonológicos apontam para diferentes modos de tratar os dados. Do ponto de vista estrutural, procuramos suporte para a descrição, organizando os dados de modo a entender sua estrutura, para, desse modo, podermos observar a sua distribuição na língua, distinguindo entre o que é fonológico e o que não é. A fonologia gerativa permite observar as regras que criam as alternâncias. Os modelos lineares nos dão uma perspectiva

³ Este texto representa a tese central de dissertação de Mestrado intitulada “A Função e o Comportamento do Traço Nasal em Yaathe, Língua Indígena Brasileira” apresentada ao Curso de Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL), UFAL, sob a orientação da Profa. Dra. Januacele da Costa.

de observação do comportamento do traço em relação a espriamento, flutuação, estabilidade e outras das suas propriedades. Os pressupostos da fonologia prosódica auxiliam na explicação de fenômenos de espriamento ou de restrição à aplicação de regras nos domínios da estrutura prosódica.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

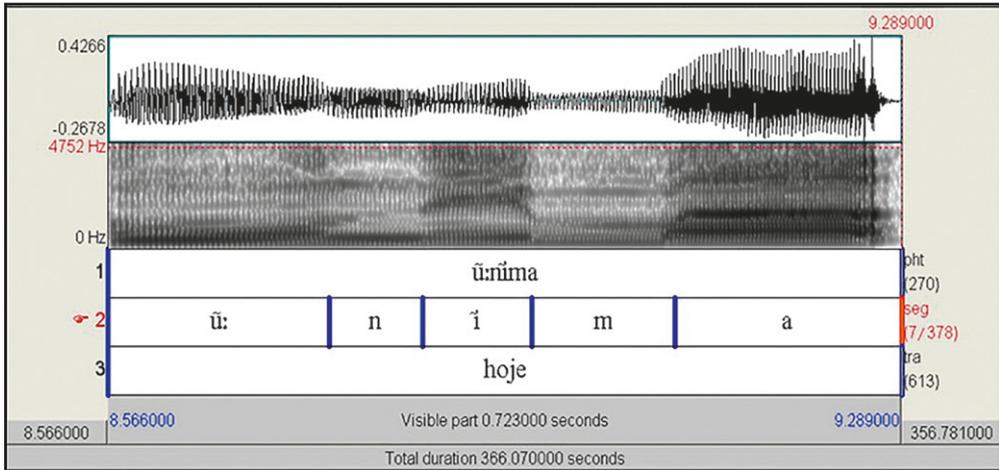
O *corpus* utilizado neste trabalho compõe-se de dados oriundos de duas fontes distintas.

Uma parte está constituída por uma lista de palavras previamente selecionadas, de modo a apresentar todos os ambientes em que o traço nasal foi identificado a partir de *corpora* anteriormente compilados, basicamente os utilizados nos trabalhos de Costa (1999), Cabral (2009) e Silva (2011). Um *corpus* constituído por dados de fala espontânea foi coletado durante a disciplina “Seminários Temáticos em Teoria e Análise Linguística: Descrição de Línguas Indígenas”, ofertada pelo Programa de Pós- Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL-UFAL), em janeiro de 2016. Nessa ocasião, dois falantes nativos de Yaathe estiveram durante uma semana na UFAL para que os alunos da disciplina pudessem efetuar trabalhos práticos de coleta, transcrição, descrição, elicitación, análise e documentação de dados linguísticos. Os dados coletados para a análise do traço nasal no nosso trabalho são de um desses informantes, um falante adulto, do sexo masculino. A gravação dos dados de fala foi realizada mediante consentimento oral do informante e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme orientações do Conselho de Ética da Universidade Federal de Alagoas. Nessa ocasião, gravamos uma lista contendo 148 palavras previamente selecionadas, buscando-se observar a ocorrência do traço nasal. Foi solicitado ao informante que nos fornecesse as palavras traduzidas para sua língua nativa, o Yaathe. Pedimos que ele repetisse a palavra duas vezes. As falas espontâneas versaram sobre temas escolhidos pelo próprio informante e, assim, referem-se a assuntos do cotidiano do nosso consultor, como natureza e trabalho. Os dados foram gravados em Yaathe e em seguida traduzidos para Português pelo mesmo indivíduo.

Para a gravação, utilizamos microfones tipo headset DPA Headband 4066 e um gravador digital flash Marantz PMD661 com frequência de amostragem de 24bit/96Hz. Para que pudéssemos ter uma melhor captura do sinal acústico, a gravação foi realizada em cabine acústica, no Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras/UFAL. Durante as gravações também fizemos anotações manuais referentes à identificação dos consultores e informações extras de apontamentos

que eles enfatizavam e que julgávamos que seriam relevantes para nosso trabalho. Ainda no curso da disciplina, os dados foram codificados e transcritos no Praat,⁴ como podemos ver na Figura 1, a seguir:

Figura 1. Espectrograma da palavra [ũ: 'nĩma] 'hoje'.



Fonte: Dias, 2017, p.10.

A transcrição foi realizada em três fiadas (*tiers*): (i) transcrição fonética da palavra; (ii) transcrição por segmentos; e (iii) tradução para o Português.

Feita a análise desses dados, consideramos que poderíamos encontrar outras ocorrências do traço nasal em dados de discurso natural, visto que a elicitación de palavras nos fornece dados em construções específicas a serem respondidas nas traduções apresentadas pelo informante, de modo que a informação que se obtém é a que foi solicitada. O problema de se trabalhar apenas com esse tipo de dado é que perdemos outros tipos de construções da língua (CHELLIAN e REUSE, 2011). Levando em conta esses problemas, procuramos também trabalhar com dados diversificados, tais como discurso natural, e explorar o corpus Projeto de Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô),⁵ um banco de dados coletados no período entre 2011 e 2013, na aldeia Fulni-ô, município de Águas Belas, Estado de Pernambuco, Brasil. Esse *corpus* é bastante

⁴ Software capaz de, entre outras funções, medir ondas sonoras, formantes, níveis de frequência e intensidade dos dados que armazenam.

⁵ Projeto financiado pelo CNPq, Edital MCT/CNPq N. 014/2010-Universal. (Processo nº 435763/2010-6) Que tem por objetivo formar um banco de dados da língua Yaathe, bem como de aspectos sociais e culturais, para a preservação e manutenção da língua.

extenso e composto por listas de palavras, fala espontânea de diversos gêneros, textos escritos e manifestações culturais. Os consultores do banco de dados do Projeto são homens e mulheres falantes nativos do Yaathe que também sempre viveram na aldeia. Segundo consta dos metadados, os ambientes para a gravação foram os mais silenciosos possíveis, dado que em situações naturais de fala, a coleta sendo realizada com o auxílio de microfones tipo headset DPA Headband 4066 e um gravador digital de flash Marantz PMD661. Todos os dados já se encontram nos arquivos do projeto transcritos e anotados. Para as listas de palavras, os realizadores do projeto utilizaram o aplicativo *PRAAT*, enquanto textos de fala espontânea, gravados em áudio e vídeo, estão transcritos e anotados no *ELAN*.⁶ Para fins de análise, em nosso trabalho, exportamos o arquivo do *ELAN* para o *PRAAT*.

Sendo o banco de dados do Projeto bem abrangente, nos detivemos apenas nas listas de palavras, oito listas ao todo, e nos dados de fala espontânea, especificamente textos procedimentais e narrativas. Procuramos ocorrências de segmentos nasais em todos os textos desse banco, encontrando muito poucos casos de vogais nasais diferentes das já apresentadas nos trabalhos sobre a língua que citamos neste texto.

De modo geral, acessamos os arquivos e, para melhor identificar os ambientes de ocorrência do fenômeno que estamos estudando, fizemos um levantamento das palavras em que aparece a nasalização e também das palavras em que a consoante nasal não engatilha a nasalização da vogal. Para isso, separamos as ocorrências em início, meio e final de palavra. Na seção a seguir, apresentamos a descrição e análise dos dados.

3. O COMPORTAMENTO DO TRAÇO NASAL EM YAATHE

3.1 Informações preliminares

De acordo com Costa (1999), o Yaathe apresenta um inventário de 33 fonemas, dos quais 21 são consonantais e 12 são vocálicos. Os únicos segmentos consonantais nasais na língua em estudo são /m/ e /n/. Para a autora (Idem, 1999), apenas são consideradas fonológicas as vogais do Quadro 1, a seguir.

⁶ Software usado principalmente para sincronizar dados de áudio e vídeo e fazer anotações de diferentes tipos.

Quadro 1. Inventário fonológico das vogais do Yaathe

| | Anteriores | | Centrais | | Posteriores | |
|---------------|------------|----|----------|----|-------------|----|
| | | | | | | |
| Altas | i | i: | | | u | u: |
| Médias altas | e | e: | | | o | o: |
| Médias baixas | ɛ | | | | ɔ | |
| Baixas | | | a | a: | | |

Fonte: SILVA, 2016, p. 13.

Foneticamente, podemos encontrar vogais com duração breve [u i o e ɔ ɛ a] e suas correspondentes nasalizadas, exceto para as médias baixas [ɔ ɛ], ou longas [u: i: o: e: ɔ: ɛ: a:] e suas correspondentes nasalizadas, exceto, novamente, para as vogais médias baixas. A seguir, apresentamos o inventário fonético desses segmentos.

Quadro 2. Inventário fonético das vogais do Yaathe

| | Anteriores | | | | Centrais | | | | Posteriores | | | |
|---------------|------------|----|--------|----|----------|----|--------|----|-------------|----|--------|----|
| | orais | | nasais | | orais | | nasais | | orais | | nasais | |
| Altas | i | i: | ĩ | ĩ: | | | | | u | u: | ũ | ũ: |
| Médias altas | e | e: | ẽ | ẽ: | | | | | o | o: | õ | õ: |
| Médias baixas | ɛ | ɛ: | | | | | | | ɔ | ɔ: | | |
| Baixas | | | | | a | a: | ã: | ã: | | | | |

Fonte: SILVA, 2011, p. 25.

Assim, para Costa (1999) e Silva (2016), o Yaathe apresenta 24 realizações de vogais, das quais, como vimos, apenas 12 são consideradas fonemas na língua. Para Costa (1999), todas as ocorrências de vogais com o traço nasal seriam consideradas realizações de superfície, causadas por processos fonológicos como nasalização automática e alongamento compensatório. Entretanto, em nossos dados encontramos vogais nasais que, a princípio, não podem ser consideradas como resultado qualquer desses processos, se abordado do ponto de vista sincrônico e em uma análise linear.

Na seção seguinte, apresentamos a descrição dos segmentos nasais, observando o comportamento do traço nasal no sistema fonológico do Yaathe, a fim de argumentar a favor da existência de dois tipos de vogais portadoras desse traço: vogais nasalizadas, não fonológicas; e vogais nasais, fonológicas.

Na apresentação dos exemplos, damos a forma fonética, a forma fonológica e a tradução. A anotação de morfemas é feita apenas quando a palavra apresenta estrutura interna depreensível. Embora o acento seja considerado fonológico (SILVA, 2016), não foi marcado na transcrição fonológica, dada a sua complexidade em termos de morfemas que são acentuados e morfemas que não são acentuados lexicalmente e, ainda, devido à interação desses fenômenos com regras de atribuição de acento que consideram também aspectos da estrutura silábica. Para melhor compreensão desses aspectos, ver Silva (2016).

3.2 Vogais nasalizadas

3.2.1 Assimilação

Como exposto anteriormente, há duas consoantes nasais na língua Yaathe: /m/ e /n/.

Enquanto a consoante nasal bilabial vozeada /m/ pode ocorrer tanto em *onset* como em coda silábica, a consoante nasal alveolar vozeada /n/ ocorre apenas em *onset*, ambas apenas em início e meio de palavra, como mostram os exemplos a seguir.

| | | |
|---------------------------------|--|-----------------|
| 1) ['mũ.mja] | /mumja/ | ‘vara, graveto’ |
| 2) [t ^h o.mã.mã.kja] | /t ^h o.mamane -ka/ espantar -IND | ‘espantar’ |
| 3) [se.tsõ.ne] | /se.tso.-ne/ índio-FEM | ‘índia’ |
| 4) ['t.kã.no] | /tkano/ | ‘dois’ |
| 5) [mum.ni.'ka] | /mum.ni. -ka/ esfregar -IND | ‘esfregar’ |

No que diz respeito à assimilação, as duas consoantes, quando em *onset* silábico seguinte, espriam o traço nasal para a vogal da sílaba precedente, nasalizando-a, como podemos observar nos exemplos (1) a (4). Desse modo, as vogais nasais que ocorrem nesse ambiente não são fonológicas. Um fato a ser observado é que o espraimento do traço não se efetua quando a consoante nasal – [m] – ocorre tautossilabicamente, conforme exemplo (5).

O primeiro argumento que temos para defender o *status* não fonológico dessas vogais é a inexistência de pares mínimos que demonstrem o contraste vogal oral/vogal nasal. Além disso, outro argumento forte que nos permite

sustentar essa hipótese, ou seja, que essas vogais não são subjacentemente nasais, mas resultado de assimilação, vem da análise de exemplos como os apresentados a seguir. Nesses casos, comparando (6a) com (6b) e (7a) com (7b), podemos observar que o traço [nasal] espraia de uma consoante nasal sobre uma vogal precedente quando um sufixo iniciado por consoante nasal é anexado a uma base terminada em vogal oral.

| | | |
|--------------|---------------------------------|--------------|
| 6a) [e'so] | /e= so/ 3SGO= outro | 'outro' |
| 6b) [e'sõne] | /e=so-ne 3SGO= outro-FEM | "outra" |
| 7a) [i'fĩ] | /i= fĩ/ 1SGP= irmão | 'meu irmão' |
| 7b) [i'fĩne] | /i= fĩ -ne/ 1SGP= irmão -FEM | 'minha irmã' |

Isto posto, podemos propor uma regra de espraçamento do traço nasal de uma consoante à direita sobre uma vogal à esquerda em sílabas distintas. Ou seja, vogal oral passa a nasal antes de uma consoante nasal na sílaba seguinte. Essa regra, porém, apresenta restrições: vogais longas e vogais médias abertas não se nasalizam nos contextos favorecedores já descritos. Nos exemplos a seguir, vogais que precedem uma consoante nasal realizam-se sem o traço nasal.

| | |
|--------------|-----------|
| 8) [wene'ka] | 'abrir' |
| 9) [mo:mo] | 'pimenta' |
| 10) [to:na] | 'coisa' |

Um outro tipo de processo morfofonológico, que discutiremos a seguir, cria uma vogal nasal longa, que é também de superfície.

3.2.2 Alongamento compensatório

Vogais longas nasais em Yaathe são sempre, de acordo com os dados analisados neste trabalho, o resultado de processos fonológicos. O processo fonológico mais produtivo em termos de criação de vogais nasais longas é o denominado alongamento compensatório. Dois ambientes favorecem alongamento compensatório: i) apagamento do morfema /-ne/; ii) apagamento de uma morfema monossilábico constituído por /hV/, seguido de uma sílaba /ne/.

No primeiro caso, ocorre apagamento de uma sílaba /ne/. Essa sílaba pode ser um morfema derivativo, que é classificado morfológicamente como factivo ou causativo (COSTA, 1999), uma vez que cria verbos a partir de raízes nominais, ou pode ser apenas a sílaba final de uma raiz a que se associam às desinências das flexões verbais, sendo atestado mais amplamente com o morfema de indicativo [-ka/].

| | | | |
|-----|-------------------|-------------------------------------|--------------|
| 11) | ['kĩ:kja] | /kine -ka/ sentar -IND | ‘sentar’ |
| 12) | ['kfẽ:kja] | /kfene -ka/ acreditar -IND | ‘acreditar’ |
| 13) | ['kã:kja] | /kane -ka/ botar -IND | ‘botar’ |
| 14) | [e'tfõ:kja] | /etfone -ka/ trazer -IND | ‘trazer’ |
| 15) | [tʰlu'tʰlũ:kja] | /tʰlutʰlune -ka/ atrapalhar -IND | ‘atrapalhar’ |

Todas as vogais, a princípio, podem sofrer essa alteração.

Alongamento compensatório do tipo apresentado aqui é um caso em que a nasalização da vogal ocorre de forma complexa, visto que se dá a partir do apagamento do sufixo /-ne/ nesses contextos. Em Costa (1999) encontramos a seguinte descrição em prosa das vogais longas criadas por alongamento compensatório:

- o segmento [+nasal +coronal] cai, depois de nasalizar a vogal da sílaba precedente;
- a vogal da sílaba precedente alonga-se por incorporar a unidade de tempo da nasal elidida.

[naha+ne+ka] → [nã:kja]

(COSTA, 1999, p. 69)

Outra complexidade desse processo deve-se ao fato de que nem todas as formas assim constituídas sofrem o processo de alongamento. Segundo Silva (2016, p. 50), as raízes que sofrem alteração diante do morfema /-ka/ são consideradas fracas: “Diferentemente dos nomes, no verbo, em uma forma atualizada, que é a forma de citação, conforme descrita acima, o acento é fixo sobre a última sílaba. Entretanto, há uma divisão nas raízes verbais, que podem ser fortes, com acento na última sílaba da raiz, ou fracas, com acento na penúltima

sílaba da raiz”. Nos exemplos (16) e (17) a seguir, temos casos em que o processo não se efetua, apesar de, aparentemente, todas as condições necessárias estarem presentes.

| | | |
|----------------|----------------------------------|-------------|
| 16) [eʃĩne'ka] | /e-ʃĩne-ka/ 3PSG -contar -IND | ‘ele conta’ |
| 17) [wɛne'ka] | /wɛne-ka/ abrir -IND | ‘abrir’ |

Além do morfema /-ka/, outros elementos que favorecem o disparo da regra são os morfemas de agentividade [-ho] (18); o morfema de particípio locativo [-se] (19); o morfema de particípio paciente [do'wa] (20).

| | | |
|-----------------|--------------------------------------|------------------------|
| 18) [e'tʰlõ:ho] | /e= tʰlõne -ho/ 3SGS= segurar -AG | ‘firme,seguro’ |
| 19) ['kĩ:se] | /kine-se/ sentar -PART.LOC | ‘cadeira’ (onde senta) |
| 20) [kĩ:do'wa] | /kine-dowa/ sentar -PART.PAC | ‘sentado’ |

Também podemos observar que essa vogal longa e nasal ocorre em sílaba acentuada e em sílaba não acentuada. Silva (2016, p. 76) afirma que:

Nesses verbos, ocorre um processo de alongamento compensatório: o morfema /ne/, causativizador, é apagado com os traços flutuantes dos seus segmentos – nasal e coronal – espalhando regressiva e progressivamente para os segmentos adjacentes. A vogal longa criada por esse processo recebe o acento principal. Os fatores que motivam esses processos são: a) apagamento de vogal fraca no final da raiz devido à distinção entre raízes fracas e raízes fortes; b) restrição de nasal em coda silábica (estrutura silábica). A sílaba precedente, com um núcleo nasal ramificado, é vista como pesada para as regras de atribuição de acento na palavra verbal.

Apesar de esse tipo de sílaba ter sido considerada por Silva (2016) como sendo uma sílaba pesada em Yaathe, ela não é obrigatoriamente acentuada, pois só podem ser acentuadas sílabas que estão dentro da janela acentual da língua, que é de duas sílabas a contar do lado direito da palavra, conforme explicado por Silva (2016, p. 63): “Embora o acento recaia sempre sobre uma das duas últimas sílabas da palavra, ele não pode ser dito predizível, pois não é fixo. O acento em Yaathe é fonêmico, mas limitado em sua colocação, apresentando uma janela dissilábica do lado direito da palavra”.

Vale notar que a vogal nasal longa criada pela aplicação desses processos fonológicos também ocorre em palavras que não são verbos – do ponto de vista sincrônico e semântico, dado que as palavras podem ser resultado de mudança temporal não mais acessada pelos falantes – mas nomes, o que se dá quando um sufixo de gênero feminino é associado a uma raiz nominal, como mostram os exemplos a seguir.

| | | |
|-------------------|-----------------------------|---------|
| 21a) [se'tso] | /setso/ | ‘índio’ |
| 21b) [se'tsõ:kʲa] | /setso -neka/ índio -FEM | ‘índia’ |

O alongamento compensatório pode ocorrer através do apagamento da sílaba /ha/ em verbos, quando se associa à forma básica qualquer um dos morfemas já descritos, além do morfema factivo [-ne].

| | | |
|----------------|------------------------------|-----------------------------|
| 22) [nã:ne'ka] | /naha -ne-ka/ ver-FAC-IND | ‘mostrar’ (Lit.: fazer ver) |
|----------------|------------------------------|-----------------------------|

No exemplo apresentado em (22), ocorre o apagamento da sílaba /ha/, que é parte da raiz do verbo. A nasalização da vogal da primeira sílaba se realiza porque essa vogal é agora a fusão de duas vogais, sendo que a segunda já era nasalizada automaticamente pelo espraçamento do traço nasal do morfema factivo. Podemos ter a seguinte formalização, representando a derivação da forma fonética em que se tem uma vogal nasal longa não acentuada.

| | |
|---------------------------|----------------|
| Forma subjacente | /naha -ne -ka/ |
| nasalização de vogal | nahãneka |
| apagamento de /n/ | naãneka |
| alongamento compensatório | nã:neka |
| Forma de superfície | [nã:neka] |

Embora não tenhamos submetido esse dado, especificamente, a experimento acústico a fim de medir a duração da vogal alongada, é possível perceber que, em relação aos demais casos, aqui a duração da vogal é maior, ocupa um período de tempo mais longo, uma consequência possível do apagamento de duas sílabas CV consecutivas.

3.3 Vogais nasais

Em todos os trabalhos anteriores, já citados, aos quais recorreremos para observar o tratamento descritivo que tem sido dado às vogais nasais em Yaathe, concluiu-se que vogais nasais ocorrem apenas antes de consoante nasal na sílaba seguinte, seja por assimilação simples, seja por alongamento compensatório, conforme já apresentamos. Isso quer dizer que, do ponto de vista da análise fonológica tradicional, que observa contrastes e distribuição complementar para identificar fonemas em uma língua, não pode ficar provado que existam vogais nasais fonológicas em Yaathe, uma vez que pares mínimos, pares análogos e alternantes complementares não foram encontrados. Entretanto, em nossos dados verificamos casos em que vogais nasais breves ocorrem fora de contextos nasais assimilantes, conforme descrito. É importante assinalar que ocorrências desse tipo não são raras na língua.

Nos exemplos de (23) a (27), apresentamos casos observados nos dados que analisamos. Propomos hipóteses que poderiam explicar a presença de algumas dessas vogais nasais e, contudo, afirmamos que, sincronicamente, elas podem ser consideradas nasais fonologicamente.

- | | |
|----------------------------|----------------------|
| 23) [i'fmã] | ‘para mim’ |
| 24) [ã'hã] | ‘sim’ |
| 25) [k ^h ofe'ã] | ‘para’ (Benefactivo) |
| 26) [ẽ'hẽ] | ‘olhe’ |
| 27) ['nũfa] | ‘daqui pra frente’ |

Observando esses dados, podemos propor, em caráter hipotético e com base em algumas evidências, que as vogais finais nasais em Yaathe são reflexos de uma antiga sílaba nasal [nV] que sofreu apagamento.

No caso de [i'fmã] ‘para mim’, expressões semelhantes, como a descrita no exemplo (28), parecem ser uma pista para confirmação da hipótese.

- | | | |
|----------------|--------------------|---------------|
| 28) [sak'mãna] | /sa ke -ma -na/ | ‘só para ele’ |
| | ele LOC -FIN -EXCL | |

Sugerimos, então, que [i'fmã] poderia ser uma forma reduzida de [i'fmãna] “só para mim”, cuja sílaba final teria sido apagada com estabilidade do traço [nasal], desde que este é um traço flutuante, sobre a vogal precedente. Estabilidade do traço nasal é bastante produtiva na língua, como vemos nos casos

de vogais longas nasalizadas que são resultado de apagamento de sílaba nasal seguinte, constituindo alongamentos compensatórios. Esses exemplos confirmam que ocorrem vogais nasais breves em Yaathe que não são, sincronicamente, resultado de operações fonológicas e que, assim, devem ser arroladas como fonemas da língua.

Em alguns casos, há uma alternância entre a pronúncia da vogal em sílaba final entre vogal oral/vogal nasal. O contexto seguinte, nesse caso, é [Ø], pelo menos no domínio da palavra. Observemos, a princípio, os exemplos (29) a (31).

- | | | |
|-----------------------|---------------|---------------|
| 29) [to:'na]~[to:'nã] | /to:na/ | ‘coisa’ |
| 30)[to:'nãwa] | /to:na-wa/ | ‘coisinha’ |
| 31) [to:'nãwna] | /to:na-wa-na/ | ‘só coisinha’ |

Podemos observar, à medida que novas palavras vão sendo derivadas, pelo acréscimo de sufixos, que elementos nasais uma vez existentes podem contribuir para a realização nasal da vogal. Sobretudo, esses dados constituem-se como uma evidência da estabilidade da proposta teórica do traço nasal como um traço flutuante, conforme Clements e Hume (1995).

Em 32) temos uma evidência forte desses fatos.

- | | | |
|-------------|---------|------------|
| 32) ['nẽwa] | /'nẽwa/ | ‘e, então’ |
|-------------|---------|------------|

Nos dados analisados, a forma ['nẽwa] ocorre em alternância livre com a forma ['nẽma]. Sobre esse aspecto, Sá (2017, p. 75) faz a seguinte observação: “A realização desse morfema como duas diferentes formas parece apontar para uma evolução histórica em que /m/ → [w] deixando a nasalização sobre a vogal precedente, o que não é esperado antes de [w]”.

Vogais nasais ocorrem, sem que possamos explicar suas origens em diversas palavras de uso amplo, uma parte delas classificadas como partículas, como podemos observar em (33) e (34), a seguir.

- | | |
|---------------|-------------------------------|
| 33) [e'hẽ:há] | ‘em prol, benefício, bondade’ |
| 34) [ʼftã:hã] | ‘sozinho’ |

Como essas vogais são longas, pode-se propor que sejam resultado do processo já conhecido de alongamento compensatório, sem que, no entanto, do ponto de vista sincrônico, tal processo possa ser identificado. As formas estão já cristalizadas, como também ocorre nos exemplos (35) a (37).

As formas em (40) mostram que um /m/ em uma sílaba seguinte nasaliza a vogal precedente antes de [w], possivelmente, devido à queda da vogal átona, o traço nasal associa-se à coda de uma sílaba precedente, realizando-se aí como /w̃/ e criando um ditongo nasal. A vogal da segunda sílaba é mais fraca do que todas as demais vogais, apontando novamente para um processo em que a vogal depois de [m] em uma sílaba não acentuada reduz-se até apagar totalmente. Esses processos alimentam a passagem de [m] a [w], com a nasalidade já espriada de [m] para a vogal precedente estabilizando-se após a perda da nasal no *onset* seguinte. Um fato a mais a observar-se aqui é que a língua não permite consoantes, com exceção dos glides, em codas finais, o que nos permite explicar a realização de /m/ como o glide foneticamente semelhante.

4. CONCLUSÃO

De modo abrangente, no Yaathe (COSTA, 1999) todas as ocorrências de vogais nasais seriam consideradas fonéticas, causadas por processos de ordem fonológica. Em nossos dados, como pode ser visto, não encontramos pares mínimos que demonstrem o contraste entre vogal oral e nasal, o que evidenciaria, de acordo com os modelos de descrição clássicos, que [+nasal] não é um traço fonológico da vogal. Entretanto, encontramos vogais nasais que, a princípio, não podem ser consideradas como resultado de processos de assimilação, do ponto de vista sincrônico e em uma análise linear.

Sabemos que, do ponto de vista da análise fonológica tradicional, que se baseia em contrastes e complementação para identificar fonemas em uma língua, não pode ficar provado que existam vogais nasais fonológicas nasais em Yaathe, uma vez que pares mínimos, pares análogos e distribuição complementar não foram encontrados. Entretanto, em nossos dados aparecem vogais nasais breves fora de contextos nasais assimilantes como em [khofe'ã] 'para' (Benefactivo). Em alguns casos, pode-se falar de cristalização de formas que foram criadas por processos fonológicos e cujas formas subjacentes não mais são recuperáveis.

A partir das análises que efetuamos, embora possamos sugerir explicações não sincrônicas para algumas ocorrências de vogais nasais, propomos que essas vogais sejam consideradas fonemas, visto que não são resultado de operações fonológicas atuais.

REFERÊNCIAS

- CABRAL, D. F. *Descrição fonética de pitch e intensidade no nível da palavra em Yaathe (Fulni-ô)*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maceió: UFAL/FALE, 2007.
- CABRAL, D. F. *O acento lexical em Yaathe*. (Dissertação de Mestrado). Maceió: PPGLL/Universidade Federal de Alagoas, 2009.
- CHELLIAH, Shobhana L., de REUSE, Willem J. *Handbook of Descriptive Linguistic Fieldwork*. Springer. 1th Edition, 2011
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. *The internal organization of speech sounds*. In: GOLDSMITH, J. A. *The handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995.
- COSTA, J. F. *Ya:thê, a última língua nativa no nordeste do Brasil: aspectos morfofonológicos e morfossintáticos*. (Tese de Doutorado). Recife: UFPE, 1999.
- DIAS, C. S. *A Função e o Comportamento do Traço Nasal em Yaathe, Língua Indígena Brasileira*. (Dissertação de Mestrado). Maceió: PPGLL/Universidade Federal de Alagoas, 2017.
- DIAS, C. S. *O comportamento do traço nasal em Yaathe, língua indígena brasileira*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maceió: UFAL/FALE, 2014.
- GOLDSMITH, John. *Autosegmental Phonology*. (Tese de Doutorado). Cambridge, Mass.: MIT Press. 1976.
- MELO, J. A. *Gênero gramatical em Yaathe*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maceió: UFAL/FALE, 2010.
- NESPOR, M. E VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht – Holland: Foris Publications, 1986.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- RODRIGUES, A. D. *Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras*. Letras de Hoje. v. 38, n. 4, p. 11-24. Porto Alegre. 2003. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:rodrigues-2003-silencio>. Acesso em: 03/2016.

SÁ, H. F. *Documentação de narrativas de anciãos Fulni-ô*. (Dissertação de Mestrado). PPGLL/UFAL, 2017.

SILVA, F. *A organização prosódica do Yaathe, a língua do povo Fulni-ô*. (Tese de Doutorado). Maceió: PPGLL/Universidade Federal de Alagoas, 2016.

SILVA, F. *A sílaba em Yaathe*. (Dissertação de Mestrado). Maceió: PPGLL/Universidade Federal de Alagoas, 2011.

SOUSA, M. S. *Marcação fonética do acento em duas classes de palavras da língua indígena brasileira Yaathe: nome e verbo*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maceió: UFAL/FALE, 2014.

SOUSA, M. S. *Análise acústica experimental da duração de vogais em Yaathe*. (Dissertação de Mestrado). Maceió: PPGLL/UFAL, 2017.

